



Pontos de partida

Sensível desde sempre à questão colonial, por muito tempo dediquei toda a minha atenção à história das imagens e ao destino do olhar até o momento em que a questão colonial tornou-se o prolongamento lógico e inevitável de minha reflexão sobre as imagens. Se as *operações imageantes*⁴ podem ser dotadas de uma energia constituinte, então é preciso reconhecer à ficção sua potência política e sua vitalidade utópica. O crescimento constante do racismo, de todas as formas de exclusão, a violência da inospitalidade contra qualquer estrangeiro ou qualquer estrangeidade são comportamentos e medidas que não podem deixar de suscitar não somente o asco, mas a cólera e o desejo de dar fim aos ódios seculares e a seu retorno perverso.

Todavia, essa paisagem política hoje supera amplamente os afetos de uma xenofobia circunstancial devida à imigração econômica e climática daqueles que, na maior parte do tempo, vêm de territórios que foram colonizados. É a sociedade ocidental em sua totalidade que se impregnou, ela mesma, dos venenos que durante muito tempo espalhou nos territórios confiscados e explorados. À preocupação com a pureza das raças soma-se cada vez mais a da pureza dos costumes. O racista é xenófobo e puritano. As políticas do ódio aliam-se ao crescimento cotidiano dos gestos de censura e constroem muros tanto reais quanto simbólicos. As ilusões de pureza alimentam uma moralização tão grotesca quanto sufocante do olhar voltado para as obras e





para o pensamento. O imaginário coletivo está impregnado dos dogmas e modelos que constroem, há séculos, a supremacia imperialista dos conquistadores. A descolonização do imaginário concerne não somente às populações que foram colonizadas, mas de modo mais imperativo ainda aos povos colonizadores. Nessa perspectiva, como dar um sentido ativo ao termo *descolonização* senão propondo-o como um horizonte e ao mesmo tempo buscando as suas condições de possibilidade?

Atualmente, dessas terras cujos recursos continuam a ser disputados, chegam milhares de homens e mulheres exangues, sobre os quais se ousa exercer, em terra e no mar, um direito de vida e de morte. O colonialismo tornou-se a figura globalmente imposta, sob a forma insidiosa de uma pseudocultura da universalidade na qual as indústrias da comunicação combinam habilmente terrores e prazeres. Nos fluxos contínuos do consumo e do desperdício, é o colonialismo que é reciclável e reciclado.

Ouve-se muito falar de pós-colonialismo, como se o colonialismo se referisse a uma época anterior e mesmo superada depois da queda dos impérios coloniais. No entanto, até por ser inerente ao imperialismo capitalista, o modelo colonial nada perdeu de sua potência. Como observa Souleymane Bachir Diagne,⁵ o prefixo “pós” não poderia ter um sentido cronológico, mas mesmo nesse aspecto ainda é necessário precisar seu uso a fim de não substancializar o fato colonial. Não existe pós-colonialismo, a não ser que reconhecamos que se trata do termo que designa a generalização planetária daquilo que vem sendo praticado há séculos em territórios mais ou menos distantes. Doravante, o colonialismo deve ser pensado no presente com a ajuda daquelas e daqueles que foram historicamente colonizados. A descolonização supera o quadro dos antigos impérios





para tornar-se o problema mundial dos atentados contra a dignidade e a liberdade de todos os sujeitos sem exceção. É a partir dessa constatação que um outro léxico veio retificar aquilo que os termos “pós-colonialismo” e “decolonização” arriscavam ocultar no que diz respeito à profundidade do fato colonial em todos os estratos do imaginário coletivo. Falar de colonialidade parecia ser uma fórmula mais esclarecedora para tratar da extensão das estratégias de dominação em todos os territórios que continuam a sofrer as servidões e o racismo impostos pela hegemonia ocidental, universalista branca e cristã. O termo *colonialidade* produziu, por sua vez, uma nova denominação nos estudos anticoloniais que, em vez de descolonização, preferem falar de estudos decoloniais. Esses deslocamentos lexicais têm a vantagem de produzir uma ampliação do olhar crítico e uma visão epistemológica do fenômeno colonial, permitindo então a inclusão de todos os estudos dedicados às condições subalternas. Os trabalhos de Gayatri Chakravorty Spivak⁶ foram determinantes, assim como o foram os estudos feministas e aqueles que trabalharam a questão do gênero. No entanto, essa dilatação genérica da dominação capitalista não pode em hipótese alguma absorver e diluir numa causa global de margens indiscerníveis a especificidade histórica da questão colonial, da qual a escravidão e o racismo são marcadores irredutíveis. Esses debates lexicais foram, por vezes, mal interpretados por aqueles que vivem na ignorância ou na negação das questões políticas, onde a escolha das palavras engaja o olhar. A colonização não é uma patologia psíquica à espera de seus terapeutas, mas é criadora de fantasmas e de sintomas que aguardam sua análise política em termos de poder, injustiça e desumanização. Inversamente, as derivas desastrosas das reivindicações identitárias e dos comunitarismos mais violentos tam-





bém reduzem a nada qualquer construção de um espaço político partilhado, qualquer transformação comum do olhar e qualquer criação de outra narrativa.

É preciso, ao contrário, insistir no lugar específico das populações colonizadas que continuam a sofrer a violência do racismo e de todas as desqualificações. A abolição das escravaturas jamais pôs fim às estratégias da servidão, e aqueles que devolviam a independência a um território deixavam atrás de si a marca interiorizada de um poder asujeitante, cujos abusos os novos senhores continuavam a reproduzir. No que me diz respeito, manterei firmemente o uso do termo *descolonização*, pois não pretendo em hipótese alguma situar este ensaio na corrente dos estudos decoloniais. Não é nem a sua ambição nem o seu campo. A descolonização do imaginário quer designar aqui simplesmente os gestos que podem livrar os olhares e as palavras de todo domínio hegemônico a partir de uma energia ficcional. É nessa energia que reconheço uma potência revolucionária, e portanto política, e é por isso que Kafka continua a ser, nesse sentido, um guia notável e até mesmo o indicador exemplar de uma via emancipadora.

A grande máquina capitalista globalizada persiste em sua colonização planetária para fazer funcionar o aparelho racionalizado de seus lucros. Esse aparelho pretende se impor e ser objeto de uma convicção inapelável, capaz de fazê-lo passar por um organismo cujas leis são tão inelutáveis quanto as leis da natureza, as quais, longe de serem formuladas como os decretos explícitos de uma ditadura do mercado, estão, ao contrário, inscritas há séculos no inconsciente coletivo. Gravadas na carne, elas operam como uma catequese ficcional que espera de seus fiéis aprovação e respeito cultural. As novas tecnologias que regem a comunicação e o comércio sob o signo do liberalismo, longe de ter





tornado os homens mais livres e mesmo inúteis, como tentam nos fazer crer, fazem trabalhar e exploram a população dispersa e móvel de um proletariado invisível. A escravidão nada perdeu de sua atualidade.

Aquilo que chamo de descolonização do imaginário e que tentarei descrever designa o lugar que é preciso devolver a todos os gestos ativos e resistentes que provam a cada dia que as imagens da dominação não conseguem triunfar. A existência microssísmica das recusas e das revoltas está presente sempre que um sujeito lança sobre qualquer outro um olhar sem precedentes, no sentido literal. É tudo aquilo que precede, que repete e mortifica a própria possibilidade de qualquer acontecimento. A essência do colonialismo tem a ver com uma repetição necrosante. Falar do imaginário nesse quadro reflexivo significa transformar nossa potência ficcional em faculdade política por excelência. Imaginar é fragilizar o real, reapropriar-se de sua plasticidade e fazer penetrar nas palavras, nas imagens e nos gestos a categoria do possível e a força das indeterminações. O que é próprio do imaginário colonizado é justamente impor-lhe a categoria do impossível, a da necessidade e, se preciso for, a da fatalidade, seja sob o signo da natureza ou da teologia.

Quem será capaz de parar a máquina que sujeita, de enguiçar as engrenagens da violência e parar de acreditar que elas funcionam de maneira inevitável? Como essa pane poderia operar?

Em outras palavras, a descolonização do olhar e da palavra é possível?

São aqueles que tiveram de vencer a escravidão e todas as expropriações, reais ou simbólicas, que nos trazem hoje os recursos essenciais para iluminar as figuras de nossa própria sujeição. São eles que, de modo potente, orientam nos-





sa reflexão crítica sobre as novas servidões que a máquina imperialista do capital tende a impor a todo o planeta sob o signo de um liberalismo que não cansa de triturar todas as liberdades e todas as dignidades.

Não devemos hospitalidade aos antigos escravizados apenas para reparar o irreparável nem para nos contentar em oferecer-lhes aquilo que talvez lhes falte, mas para receber deles aquilo que nos falta a nós. O que eles nos trazem hoje ao pedir asilo excede o que a colonização lhes tirou e que devemos a eles. Trata-se de uma reviravolta econômica e política que exige uma transformação do imaginário coletivo, cuja urgência diante da chegada dessas populações é tão difícil de aceitar. Os artesãos seculares de sua miséria não querem nem reconhecer sua dívida nem acolher os recursos reais e simbólicos que a presença deles oferece. A fecundidade imaginária dos mais desvalidos mostrou sua força justamente nos lugares onde parecia que a detenção e a miséria iriam aniquilá-los. A demolição da “Selva” de Calais foi um formidável exemplo disso, quando o poder decidiu destruir uma comunidade onde justamente se inventava a arte das vizinhanças, o cruzamentos dos idiomas, o entrelaçamento multiforme dos afetos e das crenças. A criação cotidiana dos gestos de encontro e de troca mostrava como se constrói a mundialidade de uma cultura comum. A guerra cultural é o oxímoro de uma mentira desastrosa. A invenção de uma partilha fluida e polimorfa dava provas de que a colonização não tinha triunfado sobre os usos próprios de culturas milenares.

Arrasaram a Selva, e a frase vale como símbolo, pois o colonialismo tem somente ódio a toda e qualquer floresta. A Amazônia testemunha esse ódio genocida do imperialismo colonizador. As árvores têm hoje os seus defensores e, com eles, os defensores de toda a natureza, no reconhe-





cimento de uma solidariedade ainda mais profunda entre tudo aquilo que vive e tudo aquilo que faz viver. A pluralidade não é fonte de diferenças genéricas e de contradições, ela é fermento de solidariedades e de partilhas.

Se é preciso fazer a guerra, é ao uno e não ao múltiplo.

As obsessões identitárias são mortíferas, alimentadas por fobias do contato e do contágio. No colapso patológico das defesas imunitárias, pretende-se que cada um viva na célula asséptica onde coabitam apenas entidades idênticas, identificáveis e identificadas. Sob esse regime fantasmático, o estrangeiro é um vírus e o racismo, uma vacina. Esse quadro mostra claramente que o imperialismo colonizador é a doença infantil do capitalismo, não nos séculos passados, quando as conquistas territoriais pareciam fazer do colonialismo uma aventura exótica e rentável, mas no mundo que partilhamos hoje. Ainda é preciso, se formularmos assim, que a figura da partilha se torne verdadeiramente viva. Nada é menos seguro!

É nessa paisagem que este breve ensaio se alimentou dos trabalhos de pesquisadores e artistas que há décadas provocam abalos nas figuras tradicionais e atuais da escravidão e do racismo que é seu corolário. Trata-se de reencontrar a magnífica energia da *marronagem** dos escravizados fugitivos e reinventar suas figuras, sem as quais será difícil encontrar um modelo efetivo e corajoso de emancipação. Descolonizar o imaginário é sempre, incansavelmente, realizar gestos de fuga, de retirada, de resistência e encontrar as modalidades das novas vagabundagens e, das artima-

* Tal como um aquilombamento, trata-se de um sistema de vida dos escravizados nas Antilhas do Caribe, que conseguiam fugir e resistiam, agrupados e escondidos em áreas afastadas dos centros da colonização ou de difícil acesso. (Ver etimologias do termo *marronagem* nas páginas 161-162.) [N.T.]





nhas que podem dar a esses inumeráveis gestos, muitas vezes imperceptíveis, sua amplitude e seu horizonte político. Conforme expressou Édouard Glissant, é preciso opor à globalização escravagista e desumanizante uma mundialidade fundada na transformação do olhar e na criatividade da palavra e dos gestos. Ele faz disso uma poética política da relação na qual o Todo-Mundo nos pede que façamos mundo na recusa da totalidade.

Para explorar esse campo do possível, escolhi aqui, portanto, remeter-me à potência ficcional da escrita em Kafka, em sua espantosa “visão profética do passado”, como nomeia Glissant, quando escreve *América e A colônia penal*. Kafka imaginou o pior dos aparelhos de morte de toda a humanidade numa ilha árida e escaldante que, sendo assim, poderia ser africana, mas bem poderia se parecer com a Europa, quiçá com o mundo de hoje. De fato, foi relendo *A colônia penal* que uma articulação política e poética impôs-se a mim de forma direta entre vários regimes de imagens: a partir da máquina canibal e de seu funcionamento na colônia, por aquelas que se sedimentaram durante minha infância na Argélia colonial, aquelas dos textos e sobretudo dos filmes atravessados por forças esclarecedoras e contraditórias, esclarecedoras porque contraditórias. Todas concorrem para o esforço demandado pela apreensão da violência exercida sobre o imaginário coletivo pelo aparelho imperialista e pelo novo escravismo capitalista. De que modo e por que vias inscrevem-se em nós os signos, as imagens e as palavras que dão forma e sentido a tudo que nos afeta, aos quais corremos o risco de nos submeter sem saber, se não soubermos captá-los através de seus mecanismos e estratégias?

Este livro adota a forma de uma deambulação dispersa ou falsamente dispersa, pois procedi a uma leitura de Kafka





por associações múltiplas, sem parar de flutuar à deriva no fio do relato. Essas associações podem ser biográficas, históricas, literárias, teatrais e cinematográficas. Diante da inflação de produções visuais, *A colônia penal* pode ser lida como um roteiro espetacular dirigido hoje a nosso olhar de espectador, mais particularmente nas telas às quais o pensamento dominante investe de todos os poderes sobre a crença. Fazer ver é fazer crer e fazer crer é fazer obedecer. Eis, há séculos, o axioma de todos os clerics, cuja estratégia não ganhou uma ruga. É a razão pela qual privilegiei o recurso às produções visuais, campo de eleição das indústrias da comunicação dominantes, como Kafka aponta com uma força espantosa. É por isso que, nesse campo, os gestos poéticos e emancipadores têm um papel eminente.

Minha leitura de Kafka é, portanto, interrompida mais de uma vez por trilhas transversais e depois retomada, pois no meio do caminho, depois de um desvio, retorno sempre a ele. Todos estes trajetos me reconduzem inelutavelmente à situação presente das sujeições impostas pela energia tenaz e globalizante do imperialismo capitalista, cuja aterrozante maquinaria a ficção de Kafka descreveu.

Mas foi também ao lê-lo e relê-lo sem cessar que experimentei a alegria que sua escrita transmite. Sem dúvida, ele nos dá também a indicação daquilo que pode ser um gesto de descolonização quando oferece àqueles a quem se dirige a possibilidade de resistir e a potência de agir.

Não pretendo defender aqui uma desordem, mas antes deixar que se desdobre uma ordem orgânica que poderá muito bem parecer abusiva ou ilegítima. Assumo o risco.

